

## VITORINO NEMÉSIO E FERNANDO LOPES GRAÇA\*

Por José Bettencourt da Câmara

Partimos para a redacção deste texto de um desigual conhecimento pessoal das duas figuras da recente história cultural portuguesa de que nele se trata. Com Vitorino Nemésio cruzou-se o autor destas Inhas algumas vezes no convés do *Funchal*, durante os três dias duma viagem Lisboa-Açores, num dos últimos anos da década de 60 (dispunham ainda os açorianos de via marítima para dessedentar raízes em solo ilhéu!); com Fernando Lopes Graça (1906-94), sobre cuja obra se debruçou com idêntica minúcia, pôde privar numa derradeira década de vida do compositor. Assim, do escritor devemos dizer que, se dispomos duma longínqua imagem pessoal, tão ténue é ela que, de facto, mal existe. Recordamos que, quando com ele nos cruzámos, se falou de uma ou outra pessoa que ambos conhecíamos; não podíamos, a esse título, referirmo-nos a Fernando Lopes Graça, de quem então apenas conhecíamos o nome e só muito parcialmente a obra. Em contrapartida, o convívio com o músico, mais tarde, teria que trazer à baila, vista a própria condição de açoriano, o nosso empenho na história cultural dos Açores, o nome de Vitorino Nemésio.

O seu a seu dono, portanto: é a Fernando Lopes Graça que se deve, no seu impulso inicial, por assim dizer, o conteúdo deste texto – inédito, de facto. Ele nos alertou para os factos que nestas páginas são aduzidos; no seu espólio, por outro lado, pudemos compulsar os documentos de natureza epistolográfica aqui referidos pela primeira vez. O próprio Lopes Graça nos chamou a atenção, sem traçar pormenores (como se verificou, aliás, nos casos de outras pessoas com quem se incompatibilizou, ou com quem o seu relacionamento esfriou), para a polémica que definitivamente o deveria afastar de Vitorino Nemésio.

A aproximação dos dois homens remonta à colaboração do jovem Nemésio e do jovem Lopes Graça na *Seara Nova*, por finais da década de 20. É todavia em Coimbra que, como veremos, o convívio entre ambos, mais precisamente do músico com a família Nemésio, se intensifica.

---

\* Texto da comunicação ao Colóquio Internacional “Vitorino Nemésio – Vinte anos depois”, realizado em Ponta Delgada de 18 a 21 de Fevereiro de 1998. Publicado no livro de actas do mesmo (Edições Cosmos-Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, Lisboa-Ponta Delgada, 1998, pp. 549-559), dele foi feito separata.

Recorde-se que Vitorino Nemésio se instalara na cidade do Mondego em Outubro de 1921, para concluir os estudos secundários, que de facto terminaria no ano seguinte. Ali continua a viver, mesmo quando em 1930, para concluir o curso de Filologia Românica, troca a Universidade de Coimbra pela de Lisboa (Faculdade de Letras), onde é condiscípulo de Lopes Graça.

Este, por seu turno, depois de em 1931 acabar o Curso de Composição no Conservatório de Lisboa e de se submeter a provas de concurso para professor de Solfejo e Piano naquela escola, vê ser-lhe negada a homologação no cargo, sendo preso no Aljube e posteriormente desterrado para Alpiarça. Leva-o a Coimbra, pouco depois, um lugar de professor (Solfejo, Composição e Piano) na Academia de Música daquela cidade, dirigida pelo açoriano ... Câmara Leite (de quem Lopes Graça dirá mais tarde que sempre o tratou «como um filho»). Em Coimbra, o jovem músico persiste no seu activismo político (é presidente da Assembleia Geral do Centro Académico Republicano) e cultural, integrando o grupo da *Presença*, sem abandonar a colaboração já iniciada na *Seara Nova*, ao mesmo tempo que prossegue os estudos universitários iniciados em Lisboa.

O que logo ressalta à leitura das cartas de Vitorino Nemésio que subsistem no espólio de Fernando Lopes Graça é o grau de intimidade com que nos tempos de Coimbra o músico se ligou à família do escritor. Lopes Graça foi acolhido e sempre tratado pelos Nemésio como um amigo – tal como de resto se verificou, em Coimbra, com outras famílias: a de João José Cochofel sobretudo, mas também a do já citado Câmara Leite e mesmo a de Paulo Quintela.

Do punho de Vitorino Nemésio deparamos, no espólio de Fernando Lopes Graça, com duas cartas manuscritas, dois postais igualmente manuscritos e sete cartas dactilografadas. A estas juntam-se várias cartas da esposa do escritor, D. Gabriela, e dos próprios filhos – da «Gi» e do Jorge».

As missivas assinadas por Nemésio começam geralmente pelo vocativo «Meu caro Graça», nome pelo qual o músico – que a partir de certa altura passou a ligar por hífen os dois patronímicos do seu nome – foi sempre chamado pelos amigos. Note-se que o tratamento entre os dois homens exclui o «tu», permitindo supor que, mesmo no relacionamento quotidiano, sempre utilizaram a terceira pessoa.

As cartas de D. Gabriela abrem geralmente com um «Meu bom amigo». Saliento, como eco desse tom quase familiar do convívio de Lopes Graça com os Nemésio, determinada passagem da carta de 18 de Novembro de 1936: «Afinal mudei

de opinião... Não se case, Graça, não se case!...» 2. Outro testemunho desse mesmo facto, este em carta do próprio Nemésio, de 11 de Agosto de 1938: «Os pequenos falam de quando em quando *no Graça*; mas a Gabriela e eu lembramo-nos de como saberiam bem a v.v. umas tardes aqui passadas nestes Casaréus de Tovim que V. não chegou a conhecer, e onde só falta menos literatice ambiente (no correio que recebo e nas preocupações a que sou forçado) para gozar sem travo este cheiro a pinhal e a sôbro».

As cartas de Vitorino Nemésio, práticas, imediatas, têm para nós, hoje, o fascínio de constituírem como que documentos de uma história involuntária, por assim dizer – uma história que efectivamente o não pretende ser: sem ambições literárias ou de pensamento, traem contudo, na espontaneidade mesma da..., a mestria da linguagem desse ímpar cultor do verbo que foi Nemésio. Representarão, além disso, um contributo a reter para o estabelecimento da biografia do autor, e mesmo da circunstância cultural em que ele foi agente.

Cronologicamente, escalonam-se estas cartas – se é que nos restam todas as que de facto o escritor endereçou ao músico – num âmbito assaz restrito: entre 1936 e 1939, subsistindo para além desta data uma única carta, de 9 de Agosto de 1947. O que se explicará certamente pelo facto de este período corresponder a um tempo de afastamento espacial dos dois homens, que a partir da década de 40 de novo se reencontrarão em Lisboa, cidade que ambos então habitam, tal como acontecera em Coimbra, na primeira metade da década anterior.

A segunda metade da década de 30 é talvez particularmente agitada, no percurso de Fernando Lopes Graça. Preso de novo em 1935, é condenado pelo Tribunal Militar de Santa Clara (Lisboa). Libertado, parte em 1937 para Paris, onde vive a euforia do Front Populaire, regressando a Portugal em 1939, na eminência da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Corresponde, portanto, a maior parte deste conjunto epistolográfico a este período da biografia do destinatário. A carta de 2 de Novembro de 1936 é dirigida a um preso no Forte de Caxias, e não pode ter sido escrita sem a consciência, por parte do remetente, dos riscos que o seu envio poderia implicar. Do seu texto, onde há referências a outros detidos (designados por «Nogueira» e «Farinha»), destaco:

«Foi na véspera da minha volta de Lisboa que Maria Luiza me disse que V. estava em Caxias. Como não sabia a hora da visita e não podia adiar o regresso, não fui vê-lo. A M: Luiza acaba de nos dizer que, indo lá, tornou para Lisboa na mesma: V.

esquecera-se de lhe indicar a hora a que estava visível! A confraria dos abstractos é mais extensa do que se crê. / O seu estado de espírito admiravelmente intermédio - nem optimismo, nem pessimismo - sempre é melhor que um desconsolo maciço. Nem V. tem razão para temer. [...] «Por mim, até tenho vergonha de dizer a um preso que parto para Bruxelas. No dia 15. Mandam-me para lá como encarregado de um Curso de Conferências de Literatura Portuguesa, sem obrigações de *b-a-bá*. É bom, porque é o pão certo; mas é quasi mau porque deixo cá o rancho e sou animal caseiro. O lume das capitais tenta-me pouco».

Algumas destas cartas e postais serão de facto enviadas de Bruxelas. Um postal, com data de 29 de Dezembro de 1938, de Boulogne-sur-Mer, com a nota seguinte, importa por confirmar que o posicionamento ideológico, o contexto oposicionista em que o jovem Nemésio inequivocamente se situou, não deixou de ter o seu preço:

“Aqui estou de volta à Bélgica, enxotado pelos fados. Fiquei aprovado no concurso p: prof. aux.r em Lisboa, mas houve *mot d'ordre* p. q. se não fizesse a nomeação, ou pelo menos se sustasse. Atiraram-me então esta côdea de Bruxelas p. roer ainda uns tempos. Como vê, a lista dos malditos engrossa».

Deparamos nestas cartas com traços evidentes da admiração que Nemésio reservava aos que, digamos assim, ordenavam a sua vida em torno à crença na possibilidade da radical transformação da sociedade – o que, ainda quando da redacção de *Mau Tempo no Canal*, consubstancia na figura de Alfredo Nina, amigo de João Garcia, este de perfil algo abúlico, como sabemos. Na carta de 16 de Novembro de 1937, enviada também de Bruxelas, é patente essa admiração, no caso endossada a Fernando Lopes Graça:

“Desculpe escrever-lhe tão tarde. A R de P fez-me um burocrata e o ensino um pedagogo. Entranhado cada vez mais nas profissões detestáveis. / Gostei muito de o ver em Paris; não só porque me lembrava de si e não o via há meses, mas porque o surpreendi numa fase profunda da sua vida, em flagrante delito de utopia... Faltava-me para o seu conhecimento total o testemunho dessa experiência séria de artista por que V está passando, esse ascetismo com que paga o alargamento dos seus meios. E depois, se fosse com outro, eu teria vindo em cuidados. Consigo não tanto. A sua razão e

humanidade o preservam de levar o sacrifício muito avante, para além daquele ponto em que o artista encontra o homem em perigo, digo o homem económico... / Desculpe se estou a ser íntimo de mais, ainda por cima em carta que lhe vai por outra mão. Mas essa outra mão é mão amiga, mão afoita. Nem nisto há mais que homenagem à coragem moral do seu exílio. / A R de P esgotou-se. Não acredita? Nem eu acreditava. Mas agora o Serpa fala-me em 2. edição do n.º 1, e eu já estou por tudo... Até para supor que o Lázaro acordou. Não tornes a dormir, Lázaro amigo... / Espero nota sua até rigorosamente o fim do mês. Pedia-lhe de novo que pensasse na possibilidade de uma coisa em torno de concerto ou figura ou obra daí, nota actual que dê à Revista, por seu intermédio, o foro de bem informada. É um pouco o critério à *sensation* do chefe de redacção; mas que quer V.? Não lhe dizia que estou afundado nas profissões detestáveis? ...”

Um dos assuntos que nestas cartas se repetem, como naquela que vimos de citar, e em que poderão as mesmas contribuir para o estabelecimento da biografia e conhecimento da obra (no seu sentido mais vasto, isto é, no de quanto ficámos a dever a um homem, ou do que nisso for digno de memória) de Vitorino Nemésio, é o da *Revista de Portugal*. O motivo das referências é, geralmente, o pedido de colaboração a Lopes Graça, a qual chegou a efectivar-se (3), mas transparece também o estado de espírito do fundador e director da revista: o contentamento pelo nível atingido por um primeiro número, a proposta de reedição do mesmo.

A preparação do número 5 da *Revista de Portugal* motiva mais um pedido de colaboração a Fernando Lopes Graça, na carta de 11 de Agosto de 1938:

“Venho também pedir-lhe colaboração para o n.º 5. Não podendo dar crítica de concertos, porque não dá um *perfil* de compositor ou de obra para Perspectiva? Ou então um ensaio. Logo que se faça o balanço deste fim de volume e de ano, procurarei mandar-lhe algum dinheiro destinado às despesas de concertos, – isto no caso de não poder pagar a sua colaboração. Não é justo que, sendo V. o único de nós que está vivendo exclusivamente dos seus recursos de artista, não receba retribuição, por mísera que seja, do que dá à RDP. Vamos, de resto, a ver se aquilo se consolida. O Brasil está a pegar-lhe. Por ora é pouco, mas é uma forte esperança. O pior são os ralhos de comadres que se esboçam, mas já levantam alarido no arraial... O Serpa saiu de secretário, embora sem cortarmos relações. Não sei se o mal será mais extenso. Vamos a

ver... O que sei é que tenho querido manter o espírito que desejei à Revista, e em que teimarei até ao fim”.

De facto, dificuldades, resistências não deixarão de surgir, brotando por vezes donde menos se estimariam, como diz, logo depois, a carta de 1 de Dezembro de 1938: «Não vale a pena contar-lhe a questão de hissope da RDP. Só lhe digo que os nossos velhos amigos da *Presença* se têm mostrado, cá no humano, bem pouco à altura do talento, da obra e até do carácter que sei ou supunha que eles têm. Porque infelizmente, a cegueira do Simões, por exemplo, é tal, que até lhe ameaça zonas da personalidade que devemos deixar ao abrigo das paixões. (Não entenda por isto acções nefandas: mas procedimentos muito misturados, francamente muito feios; uma química de ressentimentos levada dos diabos.)»

Nota interessante, ainda no que respeita à *Revista de Portugal*, é o apoio que Vitorino Nemésio encontra junto de sua mulher, D. Gabriela. As cartas desta para Lopes Graça insistem na solicitação de artigos, manifestam preocupação com atrasos no seu envio, informam sobre a parca remuneração enviada.

A música não podia deixar de emergir aqui e ali nestas cartas, tendo em conta a pessoa do destinatário. Assim, na de 6 de Fevereiro de 1938, enviada de Bruxelas, diz Nemésio:

«Fui ver o Furtwaengler: a minha boca cala-se muito bem caladinha e mais nada! Talvez vá ouvir a Orquestra de Bruxelas, com Kleiber. / Se V. estivesse aqui... Que segura eu tenho dos bons amigos! Passou o Rocha, como um bocado de céu velho... Passou V. em palmilhas de cortiça... Desculpe a maçada de lhe impingir esta carta para os Szenes; não tenho o endereço; a M. L. disse-me que V. vai por lá! Um abraço ao Neves; outro à Maria Luíza. Fervo de matéria a literatar, mas esta amável vida não deixa nada. Que tristeza isto tudo!»

Quase num eco antecipador de outro projecto «musicológico» gorado no percurso de Nemésio, a biografia do conterrâneo Francisco de Lacerda, para a qual chegou a tomar largo número de notas entre 1969 e 19714, a carta de 9 de Agosto de 1947 refere-se à proposta de redacção de uma biografia de Chopin, a incluir numa colecção dirigida por Lopes Graça, a qual razão de outra ordem não deixou efectivar:

«Entrando em matéria: pensei e não posso aceitar a proposta de Valentim de Carvalho. O q. ele me oferece é inferior ao que o meu editor me dá; e não só não é negócio, como parece mal trabalhar mais barato para outro...! Custa-me, porque tinha muito gosto e muita honra em contribuir para uma colecção de biografias de músicos organizada por si, embora o meu Chopin tivesse de sair algo manco. Além disso, estou com estas férias comprometidas nuns contos a ultimar para a ÁTICA.! Desculpe.! O clã Cochofel está desfalcado com a partida da Maria Albina e do João para Caldelas. Mas a Nenita vale por todos. A Dolly e a Gi exploram-me nos gelados que um maldito italiano inventou na rua dos Casinos. E assim, entre o ar salino e o cheiro a roda de bicicletas que caracteriza a Figueira, vamos passando estes dois dias. A Gabriela ficou no Tovim com Francine e Mme. Benoit. E V.? Não vem ao menos até ao Senhor da Serra? Eu, apesar de ilhéu, estou pouco para praias. O campinho e a serra sim! Aí é que é!»

Perpassam nestas cartas, como vemos, algumas figuras que, com dimensão diferente, continuariam a erguer-se no panorama cultural português do século XX. Amigos ou apenas conhecidos do remetente e do destinatário, escutámos já os nomes de Miguel Torga (aqui «o Rocha»), o casal Arpad Szenes-Helena Vieira da Silva, a compositora Francine Benoit, João José Cochofel e sua família, João Gaspar Simões. Ouviremos ainda os de Paulo Quintela, António de Sousa, Martins de Carvalho. Referências à «gente da *Presença*» não motivam o aparecimento do nome de José Régio.

Ressalta, nesta matéria, ainda a seguinte passagem, na carta de 1 de Julho de 1939:

«Nunca lhe escrevi da Bélgica. Estou em Portugal há um mês. Estas constatações destinam-se a provar-lhe que meço o meu silêncio – mas que o meço depois, sem poder nada contra ele. Em Bruxelas andava envenenado por mil preocupações: terei pão só até amanhã? só até depois? E o mais que daí nascia. Agora estou melhor – não porque as causas de incerteza tenham desaparecido, mas porque a gente se acostuma a tudo, quanto mais ao medo de não ter pão amanhã quando o de hoje chega e resta! É por isso que estas jeremiadas mentais, choradas a uma pessoa como V, levam Jeremias a mais... Era para lhe explicar a falta de cartas. / E agora aqui vai um punhado de notícias, que a gente aprecia isso quando está longe. D. Maria do Céu Dória

foi operada de um cancro no seio. Fez-nos muita impressão, pobre senhora! Oxalá que o corte fosse a tempo e cortasse pela raiz. / O Rocha abriu consultório em Leiria. Vem aos sábados. Diz que só lá há D. Deniz e uma árvore crestada nas pontas. Vai na terceira dose de dias da CRIAÇÃO DO MUNDO, e suspeito que nesta última há um retrato de V Estes amigos estampam com todos nós na imortalidade do papel. / Coimbra está reduzida ao Quintela, ao Martins de Carvalho e ao Sousa. O Sousa anda de casaco alvadio. Tomamos café; vamos ao Cunha; depois eu tomo o carro 4. E o Martins de Carvalho não acredita em nada de internacional senão na abdicação de Munich. O Quintela roi a boquilha e diz uma enormidade. E aqui tem».

Ao meio intelectual coimbrão alude também um postal anterior, com data de 17 de Janeiro de 1939: «Aquela gente de Coimbra vai bem: a *Presença* remodelada e intensificada, a literatura assanhada, etc. Eu um pouco farto de literatura e com sede de alguma coisa mais profunda e fixa. Parece-me bem que temos dentro de nós água a correr e que só lhe atiramos terra de razão lá p: dentro...».

Além das Cartas de Vitorino Nemésio e da sua família, deparamos no espólio de Lopes Graça com exemplares de algumas das obras próprias que o escritor enviou ao amigo. São estas: *Gil Vicente: Floresta de enganos* (Cadernos Culturais, Inquérito, 1941), *Mau tempo no canal* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1944), *Ondas médias* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1945), *O mistério do Paço do Milhafre* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1949), *Nem toda a noite a vida* (Ática, Lisboa, 1952), *O pão e a culpa* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1955), *Canto de véspera* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1966), *Poemas brasileiros* (Livraria Bertrand, Lisboa, 1972).

Todos os volumes se encontram autografados, utilizando as dedicatórias quase sempre as mesmas palavras: «A Fernando Lopes Graça, querido camarada e amigo, com a maior admiração e estima...»; ou: «com um abraço do seu velho admirador...». Só a de *Canto de Véspera* inclui o que podemos entender uma referência ao sentido do próprio livro: «A Fernando Lopes Graça, / querido camarada / e amigo, em / este fim de festa do / seu velho e grato / Vitorino Nemésio».

A lista dos livros oferecidos por Nemésio a Fernando Lopes Graça é certamente maior do que a dos que subsistem no espólio do músico. Sabemos, seja pelo conteúdo das cartas que acabámos de citar, seja por informação do próprio músico, que este



recebeu ainda pelo menos um exemplar de *O Bicho Harmoniosos* e outro de *Festa Redonda*.

Disse-nos ainda o próprio Lopes Graça que para a composição do seu ciclo *Canções de Terreiro* utilizou um exemplar da obra oferecido pelo autor. Com efeito, em 1961, bastante tempo após a publicação do livro, vindo a lume em 1950, recorde-se, o compositor trabalha, entre outras obras, num conjunto de trechos para canto e piano a partir de quadras extraídas de *Festa Redonda*.

A escolha dos poetas por um compositor como Fernando Lopes Graça é fortemente motivada por dois grandes vectores, em boa parte dos casos indissociáveis um do outro: a proximidade pessoal e a afinidade ideológica, por assim dizer, do músico ao poeta. Por exemplo, no caso de Fernando Pessoa, que Lopes Graça não chegou a conhecer (6), não são de ponderar as afinidades ideológicas; já no de Antero (certo Antero, pelo menos, o de mais acentuada dimensão social, digamos) elas serão mais significativas. Quanto ao caso que aqui nos interessa, o de Vitorino Nemésio, se é patente, por tudo o que já aqui foi referido, o peso da ligação pessoal ao escritor, o da proximidade ideológica exige ser precisado.

Apesar de desde sempre se mover no âmbito duma esquerda radical, por assim dizer, só no início da década de 40, após o regresso de França, Fernando Lopes Graça se inscreve no Partido Comunista Português, segundo a informação que o próprio me prestou – facto de que, naturalmente, Vitorino Nemésio, mau grado os contactos com o escritor, não chegou a ter conhecimento. No que respeita ao escritor açoriano, é conhecida a inflexão que na década de 50 se verifica no seu posicionamento ideológico, traduzindo-se no retomo ao quadro da formação religiosa incutida na infância e adolescência insulares. Contudo, os termos das dedicatórias acima referidas confirmam que tais alterações não obstaram à continuação da amizade que o ligava a alguém que nunca deixou de se querer um materialista e ateu.

Apontando no sentido de outros aspectos inerentes ao ciclo de canções de Lopes Graça sobre poemas de Vitorino Nemésio, note-se como o compositor prefere, para título da sua própria obra, não o da obra literária, mas parte do subtítulo desta – que, como é sabido, reza, em estilo de frontispício de folheto popular: *Décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao povo da Ilha Terceira por Vitorino Nemésio natural da dita Ilha*.

Seria quase estultícia supor que o nacionalismo musical de Lopes Graça fosse ao ponto de, nas *Canções de terreiro*, pretender assumir um «espírito», ou traços dele, próprio da música tradicional açoriana – como Vitorino Nemésio, de algum modo, ou

até certo ponto, dilui, no livro, a sua voz de poeta na dos poetas populares açorianos, mais precisamente nos da sua ilha natal. Ao contrário do poeta, o compositor estava demasiado longe dos Açores, para precisar a esse ponto o seu referencial estético. Ainda não visitara o Arquipélago, conheceria apenas, por transcrições duvidosas, algum espécime do cancionero musical açoriano (7). Assim, só por via da inclusão da música tradicional açoriana no conjunto maior da música tradicional portuguesa, podemos de certo modo aproximar o texto poético nemesiano dos trechos musicais que suscitou a um dos maiores criadores musicais portugueses deste século.

É evidente que, num domínio fascinante, vista a sua óbvia natureza interdisciplinar, visando a compreensão de uma obra onde se cruzam formas de expressão diversas, a poética e a musical- nos não deveríamos ficar por aqui. Mas este não é um encontro de musicólogos (que lamentavelmente permaneceriam absortos na contemplação do seu próprio umbigo, pouco atentos às articulações da sua arte a outras formas de expressão...), e o que aqui nos reúne não é a figura de um músico, mas a de um poeta, que vê irradiar a fecundidade da sua obra até outras áreas de expressão.

Infelizmente, a recente morte do compositor impediu-me o gosto de ver esclarecidas algumas interrogações, que em todo o caso aqui deixo.

Não pode o poeta ter ignorado a decisão do compositor de a partir de alguns dos seus poemas escrever um ciclo de canções. Os contactos entre ambos, ainda que mais esporádicos, prosseguiram depois da publicação do livro e da composição da obra musical. Mas chegou esta a ser escutada por Nemésio? Quais as suas impressões, se isso se verificou? Como reagiu – ou reagiria – a este encontro da sua voz de poeta com a voz do criador musical? É quase ocioso recordar o peso que teve a música no percurso do escritor, primeiro por via da figura do pai, músico amador, das lições deste, que o tomaram a ele próprio senão num músico amador, num amante da música (8).

Para a edição da sua *Lira açoriana*, que lográmos levar a cabo nos Açores (9), Lopes Graça reviu, por assim dizer, as dedicatórias originalmente atribuídas aos ciclos de canções que integram a colectânea, associando agora cada um deles ao nome de um açoriano. As *Cantigas de terreiro* foram, significativamente, dedicadas «À memória de Francisco de Lacerda», sem dúvida a figura maior de músico nascido nos Açores (que o jovem Lopes Graça chegara a conhecer em Lisboa) e, senão o criador, pelo menos o primeiro grande cultor do que venho designando como a forma musical da «trova», na qual se exprime, em meu entender, um dos mais característicos aspectos da história da música portuguesa na primeira metade do século XX.

Dissemos que, ainda que posteriormente o convívio entre Fernando Lopes Graça e Vitorino Nemésio não tenha sido tão assíduo quanto fora em Coimbra, ele não deixou de verificar-se, mesmo depois que, em 1961, o compositor trocou a residência em Lisboa pela casa da Parede, onde viria a terminar os seus dias. Vimos ainda que o acentuar das diferenças ideológicas entre os dois homens não obstou à manutenção da velha amizade, a que as dedicatórias nos livros oferecidos ao músico repetidamente aludem. Quase ironicamente, podemos dizer, serão de certo modo os rumos que tomará o País depois de Abril de 1974 que determinarão a quebra de um relacionamento que até à morte do escritor, em 1978, não seria reatado. Por reflectir a história recente do País, por nela interferirem outras figuras da cultura açoriana e portuguesa, refiro-me ainda à contenda que acabaria de afastar Fernando Lopes Graça de Vitorino Nemésio, e à qual este, afinal, deve ter sido alheio.

A propósito de acontecimentos (que ainda recordamos) ocorridos frente à prisão de Custóias, no Porto, a 2 de Janeiro de 1976 – acontecimentos que o jornal *O Dia*, dirigido por Vitorino Nemésio e com David Mourão-Ferreira por subdirector, nos dias seguintes largamente noticia – publica o mesmo jornal, não sabemos se com ou sem conhecimento prévio do director, uma violenta tomada de posição de Natália Correia e Mário Cesariny de Vasconcelos, onde, entre outros, é expressamente visada a pessoa de Lopes Graça. Do texto, publicado na edição de *O Dia* de 3 de Janeiro de 1976, destaco: «... já impressiva a crónica do MUTI e dos 'mutis' desde que este pelouro começou a dar aulas de revolução ao povo de Lisboa. Personalidades geradas, amamentadas ou sobreviventes do regime salazarista (Fernando Lopes Graça, João de Freitas Branco, Luís Francisco Rebelo, Luso Soares, Bernardo Santareno, José Viana, entre outros) chamaram a si a perlanga que tem como atribuição de diplomas a rendição incondicional aos ditames do bloco soviético com sede em Moscovo».

Sabemos que a assimilação, com origem noutras esquerdas, do espaço partidário em que se inseria Lopes Graça a regimes que ele sempre combatera, irritava sobremaneira o compositor. Ora, o texto de Natália Correia (cuja veia retórica e panfletária o marcou particularmente) e de Cesariny não se escusa a falar de um «cariz social-nazi destes intelectuais».

Motivou a circunstância alguma tentativa de esclarecimento por parte de Fernando Lopes Graça ou de Vitorino Nemésio? Não o sabemos. Terá o calor do tempo que o País então vivia, consumido de facto uma amizade que parecia tão duradoura quanto as vidas que aproximava? Sabemos que, após a morte do escritor, o músico não

faltou com a expressão de condolências junto da família enlutada: o seu espólio, um pequeno cartão de D. Ana Paula Monjardino Gomes Nemésio agradece-lho.

## NOTAS

1 – À Câmara Municipal de Cascais, que tutela a Casa Verdades de Faria – Museu da Música Portuguesa, a cuja guarda se encontra o espólio de Fernando Lopes Graça, agradeço o acesso aos documentos utilizados nesta comunicação, devendo este agradecimento ser personalizado na Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Correia, Conservadora daquele Museu.

2 – Nas passagens citadas das Cartas de Vitorino Nemésio a Fernando Lopes Graça, foi actualizada a ortografia, correspondendo aos sublinhados do original os itálicos, também utilizados para as expressões em língua estrangeira.

3 – Ao lado da de Francine Benoit e de Vieira de Almeida, a colaboração musical da *Revista de Portugal* inclui os seguintes artigos de Fernando Lopes Graça, todos enviados de Paris: «Reflexões sobre a música» (n.o 1, Setembro de 1937); «A música na Exposição de Paris» (n.o 2, Janeiro de 1938); «Através dos concertos de Paris: obras novas» (n.o 3, Abril de 1938); «Através dos concertos de Paris: obras novas» (n.o 5, Outubro de 1938); «Através dos concertos de Paris» (n.o 6, Janeiro de 1939); «Através dos concertos de Paris: Obras novas: *O Quarteto*, de Schönberg; *Sonata para 2 pianos e percussão*, de Bela Bartok. Uma conferência sobre música portuguesa na Sorbonne» (n.o 7, Abril de 1939); «Através dos concertos de Paris: Vitalidade da música moderna» (n.o 9, Janeiro de 1940).

4 – Veja-se, nesta colectânea, o texto “Na pegada de um músico – Francisco de Lacerda”.

5 – Da carta de Gabriela para Fernando Lopes Graça de 29 de Agosto de 1938, extraio a seguinte passagem, onde se alude à opinião do músico sobre *O Bicho Harmonioso*, expressa em carta para o autor. É esta passagem igualmente significativa do apoio que, no que respeita aos trabalhos da *Revista de Portugal*, Nemésio encontrou junto de sua mulher: «Venho pedir-lhe, em nome de meu marido que realmente não lhe escreve outra vez porque anda tão esgotado que lhe pedi que aceitasse o meu auxílio de analfabeta para as pessoas amigas, que no caso de querer continuar a dar à *Revista de Portugal* a honra de nela colaborar, mande qualquer coisa que possa, para este número a sair em Outubro. Mesmo que não haja concertos agora e que portanto não possa fazer crítica sobre eles, escreva seja o que for, que de si é sempre bom. Repito: se o quiser fazer, peço-lhe que não deixe de o fazer. Ficar-lhe-ei muito grata por isso. O Nemésio igualmente; separei a gratidão dos dois só para lhe dar autonomia, forma sensível e viva, porque a intensidade não deve variar. / O Nemésio teve uma grande alegria e, bem poucas tem tido ultimamente, quando recebeu a sua carta sobre *O Bicho Harmonioso*».

6 – Cfr. José Bettencourt da Câmara, «Obras de Fernando Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pessoa», *Letras & Letras*, Porto, n.o 11, 1 de Novembro de 1988.

7 – Cfr. José Bettencourt da Câmara, «Fernando Lopes Graça e os Açores», *Atlântida*, Angra do Heroísmo, vol. XXXIV, 1.0 semestre de 1988, pp. 67-78.

8 – Cfr. José Bettencourt da Câmara, «Espaço autobiográfico em *Varanda de Pilatos* de Vitorino Nemésio» *Jornal de Letras*, Lisboa, n.o 345, 14 de Fevereiro de 1989; «Funções da música em *Mau Tempo no Canal*» (a publicar em *Colóquio/Letras*).

9 – Fernando Lopes Graça, *Lira açoriana*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1992. Preâmbulo de José Bettencourt da Câmara. Trata-se da recolha da obra para canto e piano de Fernando Lopes Graça sobre textos de poetas açorianos (Antero de Quental, Vitorino Nemésio, Ivo Machado, além das harmonizações de canções populares açorianas). Cfr. José Bettencourt da Câmara, *Estudos III – Fernando Lopes Graça*.

10 – Cfr. José Bettencourt da Câmara, «A trova na história da música portuguesa para canto e piano», *Colóquio/Artes*, Lisboa, n.o 75, Dezembro de 1987.